

O TESTEMUNHO DO *ROMANCE SEM PALAVRAS*

THE EVIDENCE OF *ROMANCE SEM PALAVRAS*

Carla Luciane Klôs Schöninger (URI)¹

RESUMO: O presente artigo investe no estudo investigativo das relações entre Literatura e História com base no *Romance sem palavras* de Carlos Heitor Cony, no qual o autor instaura estratégias da literatura de testemunho. Neste texto o objetivo é discutir um conjunto de possibilidades de aproximação das duas disciplinas, num verdadeiro jogo entre o real e o imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção. História. Literatura de testemunho. *Romance sem palavras*. Carlos Heitor Cony.

ABSTRACT: The present article invests in the investigative study of the relations between Literature and History based on the *Novel Without Words* by Carlos Heitor Cony, in which the author sets up strategies of the literature of evidence. In this text the objective is to discuss the possibilities about the approximation of the two disciplines, in a true play between the reality and the imaginary.

KEYWORDS: Fiction. History. Evidence literature. *Romance sem palavras*. Carlos Heitor Cony.

Toda a história literária repousa na diferenciação elementar entre o texto e o contexto. O texto histórico compõe-se de uma construção dinâmica que põe em cena tanto o presente quanto o passado. Jacques Le Goff, (1996:12.), ao tratar das várias dimensões da história, destaca que o caráter “único” dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e explicação fizeram da história um gênero literário, uma arte e ao mesmo tempo uma ciência. A explicação histórica deve reconhecer a existência do simbólico no interior de toda a realidade histórica, num confronto com as representações.

Nessa perspectiva, uma obra literária pode ser constituída de elementos históricos. Antoine Compagnon (2001: 223) dá relevo à seguinte frase: “A história é um romance que foi; o romance é a história que poderia ter sido”. História e literatura diferenciam-se em suas particularidades, mas, ao mesmo tempo, realidade e ficção interligam-se em determinadas composições textuais.

A história designa ao mesmo tempo a dinâmica da literatura e o contexto da literatura, numa relação da construção literária com o próprio acontecimento. Como forma de representação do “real” no texto, apresenta-se a literatura de testemunho. Márcio Seligmann-Silva (2003) destaca essa forma de expressão como mais do que um gênero, definindo-a como uma face da literatura que retoma a época de catástrofes num questionamento sobre o compromisso com a verdade.

Desse modo, conciliando a ficção e o “real”, propõe-se a análise da obra

¹ Mestre em Letras: área de concentração Literatura pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões de Frederico Westphalen. Pós-graduada em Língua e Cultura Inglesa pela URI. Graduada em Letras: Português, Inglês e respectivas literaturas pela URI. carla.luciane@yahoo.com.br

Romance sem Palavras, de Carlos Heitor Cony (2008), já que o autor faz uma representação ficcional de sua própria experiência no período militarista brasileiro que imperou durante os anos 60, 70 e 80, do século XX, época marcada pela ditadura e pela repressão.

As reflexões sobre a ficção imaginária e a realidade, ou seja, entre o texto literário e a história, pretendem ressaltar o estudo das relações dos textos entre si no tempo e dos textos com seus contextos históricos. A propósito, Antonio Candido (2000: 6) coloca que se pode entender a obra literária “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”. Nessa perspectiva, envolve a estética de recepção, em que a experiência das obras literárias tidas pelos leitores torna-se uma mediação entre ficção e história.

Le Goff (1996: 25) concebe o passado como uma construção e uma reinterpretação constante, tendo um futuro que é parte integrante e significativa da história. Da mesma forma, Walter Benjamin (1985: 229-230) define a história como “objeto de construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. O fato de o texto histórico estar estritamente ligado às diferentes concepções de tempo de uma determinada sociedade faz da história uma ciência do homem no tempo.

A narrativa histórica situa-se na capacidade de reinscrever o passado no presente. A proximidade entre a narrativa histórica e a narrativa ficcional se vale de forma mais declarada nos fatos históricos. O discurso é o elemento mediador que passa a substituir o acontecido, numa ocupação imaginária. Nesse encadeamento discursivo, o texto apresenta diferenças entre o real e o não real, em que a força do imaginário está presente, dotado de um “efeito de realidade” mobilizador.

A obra *Romance sem palavras* é narrada em descontinuidade temporal, com *flashbacks*, em que o narrador-protagonista situado no presente, no ano de 1995, recompõe sua história dos anos 60 a 80, quando fora preso no governo ditatorial “a ditadura seria longa e progressivamente cruel” (Cony 2008: 12). Assim, a narrativa literária de Carlos Heitor Cony, através do narrador/ personagem Beto, estabelece um discurso construído à luz de seu próprio passado. O romancista foi preso mesmo não sendo militante político durante o regime militar brasileiro dos anos 60. Os fatos vivenciados e testemunhados por ele nessa época marcada pela opressão lhe inspiraram para a elaboração desse romance, o que empresta à obra um caráter verossímil.

Dessa forma, no romance que utiliza estratégias da literatura de testemunho, os textos narram a experiência de envolvimento em ações revolucionárias, numa reconstituição da história de um ou mais sujeitos indicados pela sua importância, num determinado contexto social. Segundo Valéria de Marco (2004: 54), “a matéria do testemunho trata exatamente das impossibilidades de reconstrução da harmonia perdida, da destruição de parâmetros de estruturação social, da perda de referenciais de identidade, da perda de confiança no mundo”. Ao ler o *Romance sem palavras*, é perceptível, já na sua introdução, a situação do protagonista no cárcere, evidenciando o trauma dos momentos por ele vivenciados no tempo passado:

Ainda que viva cem, mil anos, não esquecerei aquele dia em que, deitado no leito miserável da cela B17, a porta se abriu e dois soldados empurraram um corpo que logo se estatelou no chão de ladrilhos. De

início, nem parecia um corpo [...] que desabou e, estranhamente, não fez nenhum ruído quando caiu. Ou, quem sabe, o espanto – seria melhor dizer: o medo – não me deixou ouvir nada. Todos os meus sentidos ficaram resumidos no olhar - um olhar que procurava entender não o que estava vendo mas o que ainda poderia ver. [...] Sempre que aquela porta se abria, alguma coisa poderia acontecer comigo [...] a porta só abria a noite, para mais um interrogatório. Já tudo havia respondido, o que sabia e o que não sabia, minhas informações estavam sendo checadas, se elas não fizessem sentido ou fossem julgadas insuficientes, eu começaria a ser torturado (Cony 2008:11).

O narrador fora preso pela primeira vez em 1968 e novamente em 1975, devido a uma delação infundada dos adversários do movimento estudantil. No cárcere, acompanha a tortura e o sofrimento de muitos presos e salva o padre Jorge Marcos depois de ouvir seus gritos noturnos na prisão. Vê o corpo do mesmo ensangüentado e estirado no chão: “não era um corpo ali tombado, mas um troço de carne ferida e, dentro dela, um enigma que eu nunca decifraria, nem mesmo agora, tantos anos passados” (Cony 2008: 13).

A narrativa envolve três personagens principais, Beto, o narrador-personagem, Jorge Marcos e Iracema, “nas pequenas operações da luta clandestina contra a ditadura” (Cony 2008:15). Beto relembra o movimento estudantil de 68, em que houve uma manifestação contra a má qualidade do ensino, os estudantes sendo violentamente reprimidos pela polícia: “Ainda que passasse a eternidade procurando um motivo para a prisão, achei mais urgente tentar adivinhar para onde me levavam. Sabia que muita gente desaparecia sem deixar rastros, alguns conseguiam ser localizados semanas após, outros não, sumiam para sempre” (Cony 2008:24).

Ao resgatar os infortúnios de sua geração, o protagonista procura compreender a contemporaneidade de seu país. Na narrativa, as memórias de Beto fazem menção à transformação social, política e até mesmo trazem referências à personalidade e ao trauma vividos pelos personagens no momento e após o período de lutas em que estavam envolvidos. O protagonista refere-se ao estado lastimável em que seu amigo Jorge Marcos se encontrava após várias sessões de tortura: “Ele me olhou, espantado, percebi que também se esforçava para entender o que estava acontecendo. Além das marcas no corpo, não poderia esconder a confusão mental que se segue a cada sessão de tortura, confusão que às vezes perdura para sempre” (Cony 2008:45).

Além disso, o protagonista Beto profere em seu discurso o temor frente à impossibilidade de reação e perda da noção do tempo:

Aquela noite passou, passaram outras noites, quantas não sei, perdera a noção do tempo, a luz que vinha da lâmpada empoeirada me confundia, eu só sabia que já era noite quando a bandeja giratória se movimentava e vinha uma sopa e um pedaço de pão. Pela manhã, ou por aquilo que julgava manhã, vinha uma caneca encardida de café e outro pedaço de pão (Cony 2008:49).

Essas referências que permaneceram na memória de Beto fazem alusão aos

conflitos psicológicos ocasionados pela terrível experiência no cárcere, o que influenciou a personalidade e a vida dos personagens. Tais elementos repercutiram no presente narrativo. Walter Benjamin situa a memória como núcleo da literatura que envolve o testemunho. Segundo Márcio Seligmann-Silva (2003), Benjamin mostrou estar à frente da sua época, sendo considerado o pensador mais instrumentalizado na leitura de textos de testemunho, e aquele que melhor refletiu sobre a História na sua escritura:

Benjamin reafirmou a força do trabalho da memória: que a um só tempo destrói nexos e (re) inscreve o passado no presente. Essa nova “historiografia baseada na memória” testemunha tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas como também as insatisfações do presente (Seligmann-Silva 2003 :389).

Carlos Heitor Cony, como testemunha dos anos de repressão da ditadura militar, deu voz a um narrador ficcional para contar sua própria experiência. O autor expõe em sua narrativa, através de Beto, o drama por ele vivido na prisão, sua percepção diante dessa dura realidade, bem como seus sentimentos: “Eu me sentia menos homem na proporção em que via o resultado do que um homem pode fazer com outro homem” (Cony 2008:46). Logo em seguida, Beto descreve seu estado no cárcere: “Naquela noite, nem cheguei a dormir no chão ao lado do catre. Nenhuma vontade de me esticar naquele espaço pequeno, sujo, cheirando a sangue podre... meu companheiro de tempos em tempos, mesmo dormindo gemia mais alto” (Cony 2008:49).

A trama narrada pelo narrador /protagonista sustenta a idéia de um triângulo amoroso que inicia em seu envolvimento com Iracema, a causa de sua permanência no movimento revolucionário. Ela fica com Jorge Marcos, que abandona a batina para viver sua paixão. Beto diz: “Criamos um universo a três que nos bastava. E nos redimia da loucura do sonho e da chatice da realidade”. O título do livro justifica-se com o seguinte trecho: “não tínhamos nada a conversar em especial, bastava que ficássemos juntos e o diálogo interior se formava, sem necessidade de palavras” (Cony 2008:28). O relacionamento entre o três se dá em um diálogo silencioso, sem palavras.

O *Romance sem palavras* modaliza a literatura de testemunho em grande parte da composição textual. A abordagem de Seligmann-Silva (2003) quanto às articulações desta literatura, diante do trauma, considera

de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; de outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante dos fatos como também - e com um sentido muito mais trágico- a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua conseqüente inverossimilhança [...] o testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade[...] o testemunho seria a narração não tanto desses fatos violentos, mas da resistência à compreensão dos mesmos (Seligmann-Silva 2003 :46-8).

O crítico destaca ainda que a testemunha, aquela pessoa que sobreviveu a um fato e viu a morte e o sofrimento de perto, passa a mobilizar os leitores, repassando ao

leitor uma maior autenticidade do texto, obtendo mais veracidade. A obra de testemunho remete a algo que de fato ocorreu, não é invenção, mas sim narração. No momento em que se pensa em literatura de testemunho, é indispensável que se repense a História e o fato histórico:

Na literatura de testemunho não se trata mais de *imitação* da realidade, mas sim de uma espécie de ‘manifestação’ do ‘real’. É evidente que não existe uma transposição imediata do ‘real’ para a literatura: mas a *passagem* para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é marcada pelo ‘real’ que resiste à simbolização. Daí a categoria do *trauma* ser central para compreender a modalidade do ‘real’. Se compreendemos o ‘real’ como trauma - como uma ‘perfuração’ na nossa mente como uma ferida que não se fecha – então fica mais fácil de compreender o porquê do redimensionamento da literatura diante do evento da literatura de testemunho (Seligmann-Silva 2003: 387).

Neste sentido, pode-se dizer que a leitura ficcionaliza a História e, ao mesmo tempo, a leitura historiciza a ficção. Benedito Nunes (apud Dal Bello 1998: 32) identifica que, na refiguração do tempo, a narrativa histórica e a ficcional se confundem, considerando a História-Ciência e a História-Arte como igualmente importantes, sendo que uma completa a outra na composição narrativa.

Através do narrador-protagonista, o Beto, Carlos Heitor Cony traça analogias e comparações entre passado e presente. Com a derrota do movimento revolucionário, o fim do regime militar e mudança para a democracia, os personagens foram inseridos em um mundo burguês.

Beto, por fim, expõe um sentimento de desgosto e desilusão; percebeu que se deixou levar pela força implacável do tempo e da história. Dá-se conta de que seu amor não foi consumado. Seu amigo Jorge Marcos perdeu o sentido da vida, o reaparecimento inesperado de Raul ao lado de Iracema lhe ocasionou desilusão intelectual. Nessa situação, ele se dá conta de que o período revolucionário e o autoritarismo de esquerda em nada puderam reverter a ordem dos fatos.

Sendo assim, fica explícito que o romance sem palavras se vale das estratégias do gênero literatura de testemunho. Neste, os elementos ficcionais e “reais” fundem-se, ou seja, na composição do texto literário, há tanto o envolvimento da história em seu contexto quanto o da literatura no texto. O romance de Carlos Heitor Cony apresenta um verdadeiro jogo entre o real e o imaginário, demonstrando a tensa fronteira que existe entre a forma literária e a experiência vivida.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In _____. *Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas*. Trad. Sergio Paulo Rounet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.223-232.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade* - 8ªed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

CONY, Carlos Heitor. *Romance sem palavras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

DAL BELLO, João Alfredo. História e literatura: referências e irreverências. *Letras*. Curitiba: Editora da UFPR, 1998. p. 21- 33.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leilão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MARCO, Valéria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*: revista de cultura e política. Nº 62, São Paulo, 2004. p.45-68.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.